GLÓRIA E DECADÊNCIA DO PROVENÇAL

MIGUEL WOUK

Docente-Livre e Professor da
Cadeira de Filologia Românica

O Provençal, conhecido entre nós devido à presença que tiveram os trovadores do amor cortês na literatura portuguesa dos séculos XII e XIII, é uma língua que esteve no apogeu durante alguns séculos, depois entrou em declínio e está hoje a caminho da completa extinção, apesar das várias tentativas de ressurgimento. A marcha da história é inexorável: a água do rio jamais poderá refluir para a fonte de onde provém.

A denominação — Provençal — é usada aqui em sentido genérico e amplo, para designar um complexo dialetal formado na região meridional da França, como decorrência da conquista romana, da romanização e da simbiose operada entre o latim popular dos soldados, comerciantes, colonos e funcionários com as línguas nativas pré-existentes.

Não se iluda o estudioso das línguas românicas quanto à verdadeira natureza e origem das variedades dialetais existentes dentro das fronteiras políticas da França. Excluindo os chamados dialetos alógenos ou étnicos, localizados em áreas periféricas: o **bretão** (dialeto céltico), o **basco** (língua não indo-européia), o **flamengo** (dialeto do baixo-alemão), o alsaciano e o lorenês (dialetos do alto-alemão), os demais são a continuação direta do latim vulgar, e não apenas variantes deturpadas do francês, língua nacional, oficial, da escola e da cultura em todo o país.

Observando o mapa lingüístico da França, notamos duas áreas bem distintas, separadas por uma linha sinuosa horizontal. Na classi-

fixação das línguas e dialetos românicos geralmente adotada, essas duas áreas integram um complexo lingüístico denominado **galo-romance**, por se encontrarem na antiga província romana, a Gália. Os dialetos do norte denominam-se “langues d’oïl” e os do sul, “langues d’oc”.

A bipartição lingüística do galo-romance. — Que explicação se pode dar a essa cisão?

.. 1. Em primeiro lugar, a fixação e a estabilidade das populações meridionais, pré-históricas e históricas, devido à especial estrutura orográfica da região: a leste, os Alpes; ao sul, os Pirineus; ao norte, o Maciço Central.

Dêste aspecto decorre o arcaísmo em potencial do galo-romance meridional, em oposição às facilidades de evolução do galo-romance setentrional. Contudo, agiu apenas indiretamente e não foi o único, pois, nem os Alpes nem os Pirineus, na verdade, constituíram fronteiras lingüísticas em épocas posteriores.

2. Mais importante e decisiva foi a caracterização étnica dupla, estabelecida já na pré-história e que permaneceu sem alterações de importância. Ao norte, há constantes renovações; ao sul, fixação, desde a idade do bronze, de lígures, celtas, iberos e gregos. A civilização gaulesa, preponderante na região norte, na zona meridional foi sobretudo de caráter político e sem profundidade cultural.

3. Novas características são acrescentadas pelo grau diverso da **romanização**: muito mais profunda na “Província”, ocupada já no ano 118 a.C., e mais superficial no resto da Gália, conquistada por César entre os anos 59 e 54. Conseqüência: a ação das línguas de **substrato** foi mais intensa e duradoura na região norte e, portanto, houve maiores alterações do latim vulgar.

4. Completada a romanização e a implantação do latim, mais conservador no sul, os invasores germânicos trouxeram à região norte novos elementos étnicos, novas estruturas lingüísticas e outras bases articulatórias, as quais modificaram de modo particular o galo-romance, por uma ação chamada de **superstrato**.

Qual das duas influências foi predominante? A de substrato ou a de superstrato? Auguste Brun explica as diferenças unicamente pelo primeiro fator, ao passo que Walther von Wartburg destaca a ação do superstrato germânico, manifestado sobretudo pela influência franca, por meio de um verdadeiro bilingüismo o qual possibilitou a interpenetração de dois sistemas articulatórios e fonológicos e de léxicos. Ao desaparecer, deixou na “lange d’oïl” traços importantes,

que completaram a sua separação do occitânico, reforçando uma diferenciação latente. Ao sul da linha "oc-oïl", a influência franca também foi apenas de caráter político, não tendo atingido as camadas populares. Assim, já no tempo dos Carolíngios, as características do latim popular meridional ou romance meridional manifestam-se especificamente diversas.

Os acontecimentos históricos posteriores: estabelecimento de colônias hispânicas no Languedoc, a participação dos languedocianos na **reconquista** da Catalunha, a tendência a uma vida autônoma das províncias occitanas na época do feudalismo, selaram definitivamente a cisão do galo-romance, pois desenvolveram o sentimento de uma comunidade étnica e lingüística próprias.

O OCCITÂNICO — O antigo occitânico afirma-se como língua exatamente por oposição ao francês ou língua do rei, à "parlatura francesca", à "lenga galica".

Recebeu sucessivamente várias denominações: **lingua romana** (supostamente intermediária entre o latim e as demais línguas românicas; **lemosi** (limusino, um dos dialetos occitânicos, usado pelos primeiros trovadores); **proensal** (provençal, termo vulgarizado sobretudo pelos escritores italianos, para quem a antiga Gália meridional era sempre a "Província romana", cujos habitantes, os "provinciales", opunham-se aos "francigenae" do norte, hoje reservado pelos romanistas ao dialeto da Provença); **langue d'oc**, que designou a região em que se falava essa língua — expressão geográfica para a Occitânia — pela primeira vez usada por Dante (lingua d'oco), em oposição à "longe d'oïl" (francês) e à língua do "si" (italiano).

Devido à ambigüidade dos termos "langue d'oc" e "provençal" há uma tendência geral a substituí-los por "occitânico", já consagrado aliás pela própria administração real, desde o sec. XIV; falava-se, então, "lingua de respublica occitana", "patria linguae occitanae", "lingua occitana".

LÍNGUA DE CULTURA E LÍNGUA DE COMUNICAÇÃO — O occitânico medieval, uma língua de civilização, serviu de forma de expressão a uma comunidade original e de suporte a uma cultura que influiu decisivamente sobre outras culturas européias.

1. **A língua dos trovadores** — Muito antes dos grandes ciclos épicos do norte da França, desenvolveu-se no sul uma poesia lírica notável tanto pela forma como pelo conteúdo. A poesia do "amor cortês" foi uma etapa brilhantíssima da arte e do pensamento. Seu exemplo suscitou uma floração de poetas em toda a Europa.

Lingüísticamente, o occitânico dos trovadores apresenta grande unidade, com diferenças dialetais mínimas e sem relação com a origem dialetal de cada trovador: uma língua literária clássica sem base em algum dialeto particular, que houvesse predominado por fatores políticos. Apenas o fator cultural determinou a língua literária. Essa unidade é que facilitou a sua irradiação: os trovadores gascões, catalães, italianos e franceses adotaram-na, talvez por imitação dos primeiros grandes trovadores occitanos, mas também, certamente, por suas qualidades intrínsecas.

2. A língua jurídica e administrativa — Durante toda a Idade Média, e mesmo depois, foi o occitânico também a língua administrativa, ao lado do latim. Somente a partir do sec. XIV, o francês começa a se misturar à língua “d’oc” nos atos oficiais, para se tornar exclusivo após a ordenação real de Villers-Cotterets, em 1539.

DECADÊNCIA — 1. Como língua da poesia — De 1208 a 1229, a Cruzada de Simon de Monfort contra os Albigenses devastou as províncias meridionais, com imediatas conseqüências sobre a estrutura social e sobre a poesia. Os grandes senhores, que antes haviam dado acolhida aos trovadores, estavam arruinados e preocupavam-se com outros assuntos mais prementes. Assim, os poetas tiveram que emigrar para além dos Alpes e dos Pirineus. Precariamente e ainda por algum tempo, essa poesia sobreviveu nas zonas poupadas; mas a sorte do occitânico, como seu instrumento, estava definitivamente traçada.

2. Como língua de comunicação — No uso popular sofreu menos, em que pese a proibição lançada contra ela pelo Papa Inocêncio, em 1245, porque era “língua de herejes”. Não podendo os reis da França aplicar a política de eliminação, o occitânico manteve-se como língua jurídica e administrativa até o sec. XVI, e como língua popular, até a Revolução.

Outros fatores, porém, mais fortes que as proibições e as pressões, interferiram em seu destino: os centros culturais, artísticos e literários, deslocaram-se para o norte e as condições político-econômicas imprimiram nova direção aos fatos.

3. Penetração do Francês — Não foi fácil. Encontrou resistências sobretudo mais ao sul e, por isso, a sua influência foi caracterizada pela superficialidade no uso oral, motivada em parte pela tolerância das autoridades. Não passa de língua adotiva, apenas nos documentos oficiais e nos livros.

A Revolução Francesa, de acordo com a sua concepção racionalista e universalista do homem, não compreendia pudessem coexistir

vários idiomas dentro da mesma nação. Uma pátria indivisível precisa ter um idioma comum; por isso, impedindo o amálgama político, os dialetos deviam ser aniquilados. Dizia Barrère em um discurso: "Nous avons révolutionné le gouvernement, les mœurs, la pensée; révolutionnons aussi la langue: le fédéralisme et la superstition parlent breton, l'émigration et la haine de la République parlent allemand; la contre-révolution parle italien, le fanatisme parle basque. . . ." (P. Bec. — La langue occitane, pag. 84).

A hostilidade contra as línguas regionais não arrefeceu, mas as medidas tomadas pelos detentores do poder discricionário redundaram em fracasso.

O RENASCIMENTO — Dos movimentos que surgiram com o objetivo de restabelecer o occitânico em seu lugar de honra como língua literária, daremos destaque a dois. O primeiro, ainda no sec. XVI, no momento mesmo em que havia deixado de ser língua oficial. Levantam a voz de protesto contra a usurpação do francês alguns poetas meridionais. Lançam manifestos e patéticos apelos à consciência popular, para que ninguém, por gratidão, abandone a sua língua materna. Exaltam as suas qualidades, igualando-a ao grego, ao latim, ao francês, ao italiano e ao espanhol, destacam as suas amplas possibilidades de expressão artística e a sua dignidade de herdeira direta do latim. Porque desorganizada, essa tentativa não surtiu o efeito desejado, mesmo que tenham surgido alguns poetas, principalmente no sec. XVIII.

Até o sec. XIX, a língua pouco se modificou, por ter ficado à margem das vicissitudes históricas e sociais que abalaram esse período. A civilização industrial e técnica do século enfraqueceu novamente os fundamentos de um tradicionalismo lingüístico que desejava perpetuar-se. A esta ameaça correspondeu uma outra reação, desta vez bem organizada e planejada.

A 21 de maio de 1854, Frédéric Mistral e mais seis jovens poetas provençais reuniram-se para lançar os fundamentos de uma verdadeira restauração da língua e da literatura provençais. Adotaram o nome de **Félibres**, fundaram um jornal e organizaram um programa de gramática e de ortografia. O poema "**Mirèio**", de Mistral, aparecido em 1859, deu merecida consagração à iniciativa restauradora.

Quais eram os propósitos dos "Félibres"? Levantar e reavivar na Provença o sentimento da raça; restaurar a língua natural e histórica da terra; devolver ao provençal sua dignidade, pela consagração da poesia. De comum acôrdo, escolheram o dialeto rodaniano para servir de língua literária, mas a tarefa de depuração e o enriquecimento do seu vocabulário deve-se exclusivamente a Mistral.

O "Trésor du Félibrige", obra de lexicologia e enciclopédia meridional, com mais de mil páginas, custou-lhe vinte anos de árduo trabalho, mas elevou o Provençal e o colocou a par das grandes línguas literárias do mundo. O gênio de Mistral — poeta, prosador, lingüista, jornalista e homem de ação — não foi suficiente para conservar a coesão e o dinamismo de uma língua, expressão de uma coletividade. Após a sua morte, o movimento desagregou-se.

Um outro êrro cometido pelos "Félibres" foi o de terem apoiado sua reforma num sub-dialeto rodaniano, o mais destoante do conjunto occitânico. Não puderam estendê-la aos demais dialetos. A grafia que adotaram e a sua visão particular da língua isolaram o Provençal não apenas dos demais falares "d'oc", mas também da velha língua da poesia e das outras línguas românicas, particularmente do catalão. Uma solução haveria para a dificuldade: tornar o dialeto de Avinhão língua nacional da Occitânia. A tentativa, porém, haveria de falhar, por falta de um centro político que o impusesse e prestigiasse.

Para dirimir êsses erros, Joseph Roux, Prosper Estieu e Antoine Prebosc, discípulos dos "Félibres", organizaram um outro sistema ortográfico mais próximo do que fôra usado pelos trovadores e, ao mesmo tempo, de acôrdo com os vários dialetos. Escolheram o dialeto languedocio como base, por ser mais conservador que o dialeto rodaniano. Como ainda faltava uma sistematização mais minuciosa, o filólogo Louis Alibert conciliou e unificou as tendências anteriores, ao publicar, em 1935, a sua "Gramatica Occitana segon les parlars lengadocians", a primeira realmente científica da "langue d'oc". A essa reforma aderiram quase todos os jovens escritores occitanos.

A SITUAÇÃO ATUAL — O occitânico, como objeto da pura ciência lingüística, está em evidência cada vez maior, não só nos países de língua românica, como também nos de língua germânica. As pesquisas dialetológicas e os atlas lingüísticos revelam a sua riqueza lexicológica e reafirmam a existência de entidades lingüísticas bem de finidas.

Dêsse clima favorável entre os intelectuais de todo o país, resultou uma lei da Assembléia Nacional da França, a "loi Deixonne" de 11 de janeiro de 1951, a qual determinou o ensino das línguas regionais e dos dialetos locais nas escolas. A oposição sistemática de alguns membros do Congresso, porém, tem contribuído para que sua aplicação fôsse fraudada em muitos casos. Pelo menos, ela inspirou a fundação de um "Conselho nacional de defesa das línguas e culturas regionais", do qual fazem parte representantes da Academia de Letras Francesa.

Estamos, pois, diante de um paradoxo: à lenta desagregação da

língua usual corresponde uma rápida revalorização de uma língua de cultura. Que tal aconteça é compreensível. O abandono da língua popular é decorrência de fatores sociais: os dialetos locais recuaram ante o crescimento do prestígio do francês, primeiro entre os nobres, as pessoas cultas e os moradores das grandes cidades; depois, gradativamente, entre a gente da classe média e operária.

O que impede hoje de a língua popular acompanhar o ressurgimento da língua de cultura são os meios de difusão do pensamento, a imprensa industrializada, o rádio, o cinema e a televisão, veículos que levam o francês aos mais isolados rincões; é a permanente afluência de funcionários e professores vindos de outras regiões do país, de operários estrangeiros, de turistas do mundo inteiro; é o estabelecimento de grandes empresas agrícolas na zona rural outrora isolada.

A batalha do occitânico no plano intelectual está ganha, mas os dialetos não correspondem mais a nenhuma necessidade prática; antes constituem um obstáculo às amplas comunicações do mundo hodierno. De modo que o occitanismo moderno defende uma causa perdida e caminha em sentido contrário à história, cuja tendência é a unificação das línguas e das culturas.

BIBLIOGRAFIA

1. BEC, Pierre — La Langue Occitane — Presses Universitaires de France — Paris, 1963.
2. BOURCIEZ, Edouard — Eléments de Linguistique Romane, Klincksieck, Paris, 1956.
3. DAUZAT, Albert — Les Patois — Delagrave, Paris, 1927.
4. WARTBURG, W. von — Les origines des peuples romans — Presses Universitaires, Paris, 1941.
5. WARTBURG, W. von — La fragmentación lingüística de la Romania — Edt. Gredos, Madrid, 1952.
6. MEYER-LÜBKE, W. — Glotologia Românica — Livraria Clássica, Lisboa, 1948.
7. SEVER POP — La Dialectologie — Chez l'Auteur, Louvain, 1950.
8. GROULT, Pierre — La formation des langues romanes, Castermann, Tournai, 1947.
9. VIDOS, B. E. — Manuale de Linguistica Romanza, Olschki Edt., Firenze, 1959.
10. MEILLET-COHEN — Les langues du monde — Paris, 1952.
11. VALLES, E. — Atlas de Historia Universal, Livro Ibero-Americano, 1962.
12. ANGLADE — Grammaire de l'Ancien Provençal, Paris, 1921.
13. DAUZAT, Albert — La Dialectologie Française, Union Française Universitaire, Paris, 1945.
14. BRUNEAU, Charles — Petite Histoire de la Langue Française — Armand Colin, Paris, 1962.